

INTERDISCIPLINARIDADE: A CARTOGRAFIA NO ENSINO DA GEOGRAFIA - DESAFIO OU ALTERNATIVA?*

Mafalda Nesi FRANCISCHETT**

Resumo: A interdisciplinaridade é a ação que permite a produção do conhecimento, a Cartografia é a ciência da representação do espaço e a Geografia é a ciência que estuda o espaço e as transformações ocasionadas pela ação do homem através do trabalho. Para os educadores, há um desafio: como trabalhar o processo ensino-aprendizagem de maneira que o conhecimento das ciências seja produzido levando-se em consideração a vivência e o cotidiano?

Palavras chaves: Interdisciplinaridade; Ensino; Geografia; Cartografia.

Entendemos por interdisciplinaridade a ação que possibilita enriquecer e ultrapassar a integração dos elementos do conhecimento, marcada por um movimento contínuo e coletivo em busca deste conhecimento.

O pensar e o agir interdisciplinar faz emergir o trabalho coletivo, que minimiza a fragmentação no processo de ensino - aprendizagem e possibilita a busca da totalidade. Embora não seja uma tarefa fácil mesmo entre os especialistas ou, principalmente, entre eles e entre os demais profissionais da educação que, ao priorizarem sua área de atuação, nem sempre conseguem “abrir mão” de alguns princípios adquiridos na formação, que acabam por fragmentar o conhecimento da disciplina ou ciência que trabalham. Estas atitudes, se não percebidas e ou questionadas, ameaçam a criatividade e a ousadia, tanto do professor como do aluno, tornando-os respectivamente transmissores e receptores do conhecimento.

As discussões sobre educação se acentuam entre os profissionais que trabalham com a produção do conhecimento, pois acreditam ser através do ensino que se promove a transformação da sociedade; que entendem a importância do ensino na formação do educando. Sendo assim, a prática pedagógica precisa ser mediada por alternativas metodológicas eficientes e criativas. Mas para isto, é necessário que se tenha atitudes interdisciplinares.

A dificuldade para trabalhar a interdisciplinaridade ainda é maior diante da burocracia existente em muitas instituições escolares que, ao assumirem atitudes opressoras, transformam o professor também num receptor passivo de normas burocráticas que vão desde a obrigatoriedade do cumprimento do conteúdo programático à avaliação¹ quando usada como um fim em vez de meio no processo de ensino-aprendizagem.

* Paper elaborado como requisito da disciplina “Ensino e Produção do conhecimento Geográfico”. Prof^ª Dr^ª Alice Yaty Asari

** Doutoranda no Curso de Pós-Graduação em Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - SP - Brasil

¹ Embora entendamos a importância do processo avaliativo, no ensino - aprendizagem e não o concebamos fora da interdisciplinaridade, não aprofundaremos este estudo porque exige atenção especial que, para o momento, não nos é possível, mas indicamos a leitura de C.C. Luckesi. Avaliação da aprendizagem escolar. São Paulo: Cortez, 1996.

Quanto à postura interdisciplinar, Fazenda (1994, p.22) diz que “essa atitude pressupõe fatalmente a formação de mais e melhores pesquisadores, de novas pesquisas, de métodos próprios para toda forma de ensino, de um investimento maciço e diferenciado na capacitação e formação dos professores...”.

Com o ensino-aprendizagem de Geografia não é diferente. O ensinar compartimentado transforma o ensino desta ciência na “metodologia das gavetas”, onde numa parte delas concentra-se a área humana, noutra, a física e aí sucessivamente distribuindo-se por áreas as disciplinas, chegando a haver distinção entre a ciência do professor e a dos cientistas, devido ao descompasso que tem entre o conhecimento ensinado e a vida cotidiana.

Há muito tempo se discute em congressos, seminários e colóquios sobre a metodologia do ensino da Geografia. Em 1925, a obra de Carvalho, professor do Colégio D. Pedro II do Rio de Janeiro, influenciou muito as concepções de ensino desta disciplina, na época.

Em 1946, coube ao Departamento de Geografia da USP, papel importante no desenvolvimento do ensino da ciência geográfica. O IBGE também contribuiu imensamente nesta área, com divulgações que chegaram nas principais cidades brasileiras e serviram como referencial bibliográfico de ensino.

No período de 50 a 70, o ensino de Geografia no Brasil foi influenciado pelo professor Azevedo através da sua produção sobre a Geografia dita descritiva ou tradicional, apresentada em suas obras e livros didáticos que foram muito utilizados nas escolas nesta época.

A partir da década de 70, intensificou-se no Brasil a reflexão sobre a proposta teórico-metodológica, sendo o positivismo clássico e o historicismo questionados pelos geógrafos teóricos da Geografia quantitativa.

Segundo Santos (1990, p.80), “o maior pecado de ‘New Geografia’ foi o de estreitar os horizontes da disciplina e de empobrecer sua interdisciplinaridade, quando, justamente, aumentam o número de ciências capazes de ajudar nossa elaboração teórica”.

Também na década de 70, inicia-se no Brasil através de Fazenda, vários estudos e pesquisas sobre a interdisciplinaridade. Daí por diante, aparecem escritos, são realizadas discussões e reflexões sobre o assunto, embora ainda haja carência na sua praxidade.

Em 1976, a obra de Lacoste, “A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, questiona a forma como foi trabalhado o ensino e revela a postura do Estado como dominador, que concentra o saber globalizado, enquanto ao cidadão, reserva-se o saber fragmentado. A partir disto, a Geografia começa a dar importância ao conteúdo político.

Nos anos 80, teóricos de orientação marxista influenciaram a produção geográfica. Inicia-se a década das transformações nos conteúdos e nas abordagens da Geografia.

Lacoste (1988) também questiona o descompromisso da escola em relação à educação cartográfica, enfatizando que vai-se à escola para aprender a ler, a escrever e a contar. Por que não para aprender a ler uma carta?

No final dos anos 70 e início da década de 80 surgem as pesquisas sobre o ensino de Geografia e Cartografia. Oliveira (1978), realiza sua tese de livre docência sobre “Estudo metodológico e cognitivo do mapa”, priorizando os métodos interdisciplinares. Germina também nesta época, a educação cartográfica com a dissertação de mestrado de Goes (1982), que trata sobre “o ensino/aprendizagem das noções de latitude e longitude no

primeiro grau”; com a tese de doutorado de Simielli (1986) versando sobre a comunicação cartográfica no ensino de Primeiro Grau.

Muitas contribuições através das pesquisas são atribuídas à metodologia do ensino de Cartografia, exemplo disto é a tese de doutoramento de Le Sann (1989), destinada ao ensino de Geografia de 1^a. a 4^a. séries do Ensino Fundamental.

Outros pesquisadores realizam trabalhos sobre o ensino de Cartografia como o caso do estudo da representação do espaço de Gelbran (1990) e Rufino (1990), as teses de doutoramento de Vasconcellos (1993) e Almeida (1994), que tratam especificamente sobre o ensino de mapas.

Passini (1994) divulga sua pesquisa de mestrado nesta área, tratando da Alfabetização Cartográfica, afirmando que a possibilidade de ler mapas de forma adequada e de grande importância para se educar o aluno e as pessoas em geral para a autonomia.

De 1988 a 1998, Meneguette, professora da UNESP - Campus de Presidente Prudente, vem desenvolvendo um programa denominado Educação Cartográfica e o Exercício da Cidadania. A autora (1998, p.39), afirma que:

“Na realidade, no tocante à aquisição e apropriação de conhecimentos geográficos e mais especificamente cartográficos, infelizmente temos de admitir que a Educação Cartográfica do cidadão brasileiro é inadequada. Não basta oferecer aos atuais educadores os conteúdos básicos estabelecidos para o Ensino Fundamental e Médio. É necessário oferecer à população em geral, um programa de educação continuada.”

Em virtude disso, que o grande desafio é saber como realizar um bom ensino de Cartografia **para e com** o aluno possibilitando-lhe a apropriação e a produção do conhecimento geográfico.

Outras obras também aparecem como pesquisas que tratam do ensino e dos conhecimentos cartográficos: as dissertações de mestrado de Katuta (1997) e Francischett (1997), dão enfoque para a metodologia do ensino dos mapas e da Cartografia.

Esta breve volta ao tempo pretende recuperar a memória e o fio condutor no tempo histórico do ensino da Geografia e da própria interdisciplinaridade que, segundo Fazenda (1994, p.15) :

“Nessa volta ao tempo que somente a memória permite, tentamos encontrar o fio condutor da história do conhecimento, eis que um primeiro símbolo nos é anunciado: Conhecer a si mesmo é, conhecer em totalidade, interdisciplinarmente. Em Sócrates, a totalidade só é possível pela busca da interioridade”.

A globalização trouxe avanço no desenvolvimento tecnológico e, conseqüentemente, a necessidade de (re)pensar a produção do conhecimento, que precisa estar voltado para o mundo das idéias. O papel do professor nesta “era” é o de estar atento a estas transformações, ele precisa manter-se atualizado para que não ocorra o isolamento intelectual e não promova a fragmentação do conhecimento da ciência que trabalha.

A prática interdisciplinar através da própria experiência propicia renovar e refletir a práxis. Isto torna-se um constante desafio para o professor na medida em que

PONTUSCHKA, Nidia Nacib. **A formação pedagógico do professor de geografia e as práticas interdisciplinares.** Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.